

## Posfácio a *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak

Eduardo Viveiros de Castro

Este livro breve e despretensioso de Ailton Krenak deverá, assim espero, servir de apresentação a uma das vozes políticas mais importantes do Brasil contemporâneo. Juntamente com outros intelectuais e ativistas indígenas, como Davi Kopenawa e Daniel Munduruku, Krenak está escrevendo um capítulo essencial da história do Brasil, aquele que conta o que ele definiu como « a história da descoberta do Brasil pelos índios »: uma contra-história e uma contra-antropologia indígenas, que tomam como seu objeto a cultura dominante do Estado-nação que se abateu sobre os povos originários desta parte do mundo. O tema de Krenak neste livro e em outros textos — quase sempre transcrições de palestras e entrevistas, pois seu modo preferido de expressão é a fala —, entretanto, passa pelo Brasil mais vai muito além dele: reflete sobre os pressupostos antropológicos daquela civilização que se toma por carro-chefe da « humanidade » e sobre os efeitos que ela está produzindo sobre as condições materiais e espirituais de existência de todos os povos, espécies e existentes da Terra.

A pergunta que Ailton Krenak dirige aos leitores neste livro é tão simples quanto inquietante: « *Somos mesmo uma humanidade ?* » Ela é declinada com duas ênfases distintas: Somos mesmo *uma* humanidade (e não uma diversidade irreduzível de modos humanos de viver em sociedade) ? E somos mesmo uma *humanidade* (e não uma rede inextricável de interdependências do humano e do não humano ?) Enquanto procuramos uma resposta, nós nos perguntamos: quem é este « *nós* » na pergunta de Krenak? Quem são *vocês*, que estão me lendo ? — não seria essa a verdadeira pergunta do autor, ao dizer « *nós* »?

Com efeito, quem somos, enfim, nós? « *Nós* » relativamente a quem? Ao quê? A pergunta sobre « a humanidade que nós pensamos ser » é uma pergunta sobre a relação — sobre as relações que nos constituem, e que nos constituem como um *nós* essencialmente variável, em extensão como em compreensão: para alguns de nós, observa o autor, o « *nós* » inclui, entre outros, as pedras, as montanhas e os rios... Um dos pontos cruciais das ideias propostas por Ailton para resistir às ideias que nos fazem « combater pelo fim do mundo como se se tratasse de nossa salvação » é justamente a recusa, que ele atribui aos povos indígenas do mundo inteiro, em restringir a máxima kantiana sobre os meios e os fins àqueles que « a humanidade que pensamos ser » considera exclusivamente como *pessoas* — nós mesmos, as únicas « *naturezas racionais* » do mundo terrestre. O resto é recurso, isto é, *coisa*. A distinção

kantiana é o grande gesto de exclusão que constitui menos o mundo das pessoas que o mundo das coisas, aquilo que é mero meio — aquilo que é, precisamente, mercadoria. Como lembra Krenak, o etnônimo com que o povo Yanomami de Davi Kopenawa se refere aos brancos é « povo da mercadoria »: aquelas pessoas que se *definem* pelas coisas. O povo que transformou seus meios em fins.

Mas por que todas estas perguntas ? A resposta, obviamente, está no título do livro: para adiar o « fim do mundo » que se desenha em nosso horizonte temporal próximo. Esse fim que é preciso adiar assinala a falência de uma certa ideia de humanidade, uma ideia — um projeto — que, ao ter posto a desvalorização metafísica do mundo como sua própria condição de possibilidade, transformou os portadores dessa ideia em agentes da destruição física deste mesmo mundo (e de incontáveis mundos de outras espécies). Tal ideia de humanidade, ao mesmo tempo em que se apoia sobre uma distinção literalmente fundamental entre os humanos e os demais existentes terrestres, remete para uma sub-humanidade aqueles povos que sempre recusaram tal distinção, relegando-os para as margens da Cidade da Cultura, as marcas longínquas onde o humano se perde na *selva oscura* da Natureza.

Cabe então a essas outras formas de vida, aquelas que são inseparadas da Terra-Gaia que é origem e condição de todos os mundos humanos possíveis, formas portanto fundadas em outras ideias de « humanidade », mostrar como é... *possível* adiar um fim que a forma de vida dominante se empenha em apressar, ao acreditar que pode forçar a Terra a coincidir com o mundo da *sua* « humanidade ». Adiar o fim do mundo é necessário porque, como sabemos, um outro fim de mundo é possível... O fim, por exemplo, daquele *outro mundo* suscitado pela negação deste mundo — o mundo melhor que imaginamos estar construindo sobre as ruínas deste mundo.

Assim, aqueles povos que fomos ensinados a ver como sobrevivências de nosso passado humano — povos forçados a « subviver » no presente em meio às ruínas de seus mundos originários — se mostram inesperadamente como imagens de nosso próprio futuro. Eis que a noção de « sobrevivência » subitamente ganha todo um outro sentido *antropológico*, nas antípodas daquele proposto por Edward Tylor... Como disse Krenak, nós, os povos indígenas, estamos resistindo ao « humanismo » mortífero do Ocidente há cinco séculos; estamos preocupados agora é com vocês brancos, que não sabemos se conseguirão resistir! Ele falava aqui especificamente do Brasil, então sob a ameaça, depois concretizada, da chegada ao poder de um governo brutalmente ecocida e etnocida. Mas sua inquietação irônica se estende, bem entendido, à situação de todo o chamado « mundo civilizado », hoje sob a dupla e conectada ameaça de um *revival* fascista e de uma catástrofe ecológica global.

A relação entre essa ideia de humanidade e a aparição do « fim do mundo » — entendendo-se a expressão no sentido indicado pelo conceito geo-histórico de Antropoceno — no horizonte temporal próximo remete assim, em última análise, à disjunção ontológica entre imanência e transcendência inaugurada com a chamada Era Axial; uma disjunção que, uma vez estabelecida no seio dos povos « axiais », traduziu-se externamente em uma guerra de conquista ou extermínio dos povos da imanência: da catequese dos « pagãos » à caça às feiticeiras, dos colonialismos à mundialização.<sup>1</sup> O império da transcendência, ao mesmo tempo frágil e agressivo, nunca hesitou em recorrer ao etnocídio, ao genocídio e ao ecocídio para estabelecer sua soberania universal. Adiar o fim do mundo, para Ailton Krenak, significa diferir a batalha final entre aqueles que Bruno Latour chamou de « Humanos » — os arrogantes escravos do império da transcendência — e os “Terranos”, a multidão de povos humanos e não humanos cuja mera existência é uma forma de resistência, povos que desempenham a função de barreira, de *katechon*, contra o avanço do deserto e o advento da « abominação da desolação », para usarmos um vocabulário emprestado das hostes da transcendência, mas que se presta, infelizmente, bastante bem para caracterizar a catástrofe que a civilização tecnocapitalista desencadeou. O *fim do mundo* — da vida, do planeta, do sistema solar etc. — como sabemos, é inevitável; na frase célebre de Lévi-Strauss, « o mundo começou sem o homem e terminará sem ele ». Resta saber se teremos imaginação e força suficiente para adiar o fim de nossos mundos, isto é, nosso próprio fim como espécie. Pois no que concerne « nossa » civilização, essa que se ergueu sobre a disjunção entre imanência e transcendência, essa está, como tudo indica, com seus dias contados. Quem sabe estejamos todos no limiar de uma outra Era Axial?

---

<sup>1</sup> O conceito polêmico mas útil de «Era Axial» é de Karl Jaspers, depois retomado por Eisenstadt, Bellah, Gauchet, entre muitos outros autores. Ele se refere a uma suposta « mutação » intelectual ocorrida em diferentes sociedades eurasiáticas entre os séculos VIII e III A.C., que gerou o profetismo judaico, a filosofia grega, o budismo indiano etc. Ver a monografia recente de Alan Strathern, *Unearthly Powers. Religious and Political Change in World History* (Cambridge U.P., 2019).